

PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGÜÍSTICA
URBANA CULTA DE SÃO PAULO
(PROJETO NURC, SP)

A LINGUAGEM FALADA CULTA
NA CIDADE DE SÃO PAULO

— Materiais para seu estudo —

Vol. II — DIÁLOGOS ENTRE DOIS INFORMANTES

ATALIBA TEIXEIRA DE CASTILHO

DINO PRETI

(organizadores)

T.A. QUEIROZ, EDITOR/FAPESP

São Paulo

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

APRESENTAÇÃO

DINO PEREIRA

Este volume é a continuação da série que o Projeto NURC/SH publicando com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), contendo amostras de vários tipos de entrevistas com informantes cultos da cidade de São Paulo. Nosso objetivo é levar à comunidade científica brasileira *corpus* recolhido com a maior homogeneidade possível, de modo a permitir sua análise pelos mais diferentes especialistas da área. Tanto a transcrição desse material falado foi cuidadosamente feita e, cremos, irá permitir uma visão, o tanto quanto possível próxima, da realidade oral, embora reconhecamos que qualquer trabalho na área fonética ou fonológica não possa prescindir da audição de fitas originais, que se encontram nas sedes do Projeto, em São Paulo (USP) e Campinas (UNICAMP).

Esta obra contém seis diálogos entre dois informantes paulistas (D2), num total de 7 horas e 27 minutos de gravação. Na sua realização, além dos organizadores, trabalharam mais seis pesquisadores da língua oral (quatro professores da USP e dois pós-graduados da mesma universidade), que tiveram a seu cargo a seleção das gravadas (escolhidas entre 93 entrevistas desse tipo), sua transcrição e revisão e cópia datilográfica, tarefa sumamente árdua em que empenharam durante praticamente mais de meio ano. Esse trabalho só foi possível graças a outro preliminar, de gravação, um pouco mais antigo, de que participaram 9 outros professores, que fizeram parte das duas equipes de pesquisadores de campo, formadas ao longo do Projeto, cuja história já foi objeto da introdução do volume I desta coleção.

Serviu de estímulo para a publicação deste segundo volume os materiais do Projeto a boa acolhida do primeiro (*A linguagem falada na cidade de São Paulo. Elocuções formais*. Ataliba Teixeira de Castilho, Dino Preti (orgs.), São Paulo, T.A. Queiroz, 1986) e a parte de nossos colegas do Brasil e do exterior, professores de linguística. Além das manifestações pessoais, testemunhadas em muitas cartas que recebemos, publicaram-se resenhas críticas, bibliográficas, notícias em jornais e revistas, demonstrando o

1. Cf. entre outras: "Na trilha de Mário de Andrade, um estudo mostra a fal-

resse crescente que se observa, no momento, pelo estudo da língua oral entre nós.²

Quem tiver oportunidade de examinar os textos do 1º volume desta série, confrontando-os com estes que aqui se publicam, constatará que a amostragem ora oferecida a público se apresenta com características distintas. Enquanto aquele volume continha amostras da linguagem de aulas e conferências realizadas por informantes cultos, numa *situação de comunicação* marcadamente didática, aqui se editam diálogos entre dois informantes cultos. Estes diálogos, intencionalmente escolhidos com graus diferentes de intimidade entre os locutores, estavam previstos pelo Projeto para ser desenvolvidos em 80 minutos (limite que, nas gravações publicadas, apresenta alguma variação, para mais ou para menos), tempo suficiente para que, com as variações do assunto e das circunstâncias da situação, a linguagem ganhasse maior naturalidade, apesar da presença do documentador e do equipamento de gravação.

Nesse sentido, o primeiro inquérito deste volume, D2/343, com informantes da primeira faixa etária (25/35 anos) é um bom exemplo, em muitas de suas partes, da fala natural, em que se observa a luta pela posse do turno³, as constantes superposições de voz, indicando o interesse de um dos interlocutores em se antecipar ao outro na apresentação das ideias; as variações de ritmo, com maior ou menor número de pausas; a grande incidência de anacolutos; a presença contínua dos marcadores ou operadores conversacionais;⁴ o uso frequente de vocábulos e expressões próprios de um registro coloquial, como *gíria*, *onomatopéias* etc.

Esse diálogo, realizado entre dois informantes jovens, presta-se a algumas reflexões sobre a linguagem culta. De fato, alguns de seus trechos poderão causar espanto a leitores menos avisados, em face da presença de estruturas em desacordo com as regras da língua escrita

da cidade", resenha crítica de Edith Pimentel Pinto, in *Folha de S. Paulo*, 18/5/86, p. 32.

Cf. também a entrevista "Cor local", publicada no suplemento *Isto é São Paulo*, encarte da revista *Isto é*, São Paulo, 4/6/86, p. 6.

2. A saída deste volume praticamente coincide com o lançamento da obra *Análise da conversação* (São Paulo, Atica, 1986), de Luiz Antônio Marcusschi, pioneiro desse tipo de enfoque no estudo da linguagem falada, no Brasil.
3. Turno: cada uma das intervenções de um falante na conversação, excluindo-se as manifestações breves, como *uhm*, *sim* etc., produzidas geralmente em superposição.
4. Marcadores ou operadores conversacionais: vocábulos ou expressões estereotipadas, quase sempre desprovidas de valor semântico e de papel sintático, que funcionam como elementos de interligação para os vários segmentos do discurso.

e da gramática tradicional, além de vocábulos e expressões populares ou gírios. Seria essa a linguagem culta da cidade de São Paulo?

Conforme escreve Ataliba Teixeira de Castilho na *Apresentação* do volume I desta coleção, os materiais do Projeto NURC/SP referem ao "dialeto social praticado pela classe de prestígio" e esse uso constitui o que se chama norma linguística *objetiva*. É óbvio que no momento em que conseguimos classificar certo grupo social, pelas características típicas, como culto (levando-se em conta, particularmente, seu grau de escolaridade) podemos também, em I considerá-lo a linguagem por ele usada como um dialeto culto. I *mesma forma como um grupo considerado inculto praticaria, tal bem-tese, um dialeto inculto, popular, vulgar, ou como quer que se denominemos*. E nesse sentido estaríamos dentro da perspectiva classificatória das variedades de língua, a partir de grupos específicos de usuários, conforme Halliday.⁵

Contudo, as linhas que delimitam essas variedades de dialetos sociais, às vezes, são tênues, porque os grupos, apesar de sua diversidade cultural, coexistem na comunidade e seus membros desempenham diversos papéis sociais em grupos diferentes e, por vezes opostos, o que significa que praticam as variedades linguísticas, medida que elas se tornam mais eficientes para as várias situações de comunicação em que os falantes se envolvem.

São os falantes cultos, por certo, os que possuem maior consciência da variação linguística e de sua adequação à grande diversidade de situações de comunicação. São eles que, em função da sua cultura linguística, estão aptos a empregar a linguagem, segundo os seus vários usos, denominação que, ainda uma vez, lembra a teoria Halliday. Sob esse prisma, pois, o ideal da atividade linguística consistiria em que cada usuário, individualmente considerado, tivesse sua disposição as variedades linguísticas adequadas para, com ele atender convenientemente às situações de comunicação.

Esses vários usos da linguagem nada mais são do que os vários estilos, ou níveis de linguagem, ou registros, que servem aos diferentes graus de formalidade exigidos pelas situações de comunicação.

São essas oscilações naturais do uso linguístico do falante, alta ao natural contato entre os grupos sociais numa comunidade, que explicam a eventual presença, na linguagem dos falantes cultos, os diálogos foram gravados no Projeto NURC/SP, de estruturas sintáticas (por exemplo, discordância no tratamento *tu/você*) e voca-

5. Cf. *As ciências da linguística e o ensino de línguas*. Trad. de Myriam Fritre M. Petrópolis, Vozes, 1974, cap. 4.

lário tipicamente coloquiais, afetivos, girios, em aparente desacordo com seu nível de escolaridade (são todos indivíduos com formação universitária). E, também, em contraste com um comportamento linguístico que seria culturalmente desejado para eles, e que eles próprios desejariam para si e para as pessoas cultas como uma linguagem ideal (a sua norma linguística *subjéiva*, conforme se refere Alaliba Teixeira de Castilho, no texto já citado). E o que se observa, por exemplo, neste trecho do diálogo D2/343:

“(…)”

L2 está se comunicando quando você compra né?

L1

fala... faz uma fotoquinha... ou vai com fulano... né?
(de cerimônia)

L2

uhh uhn mas fora isso eu acho que são duas coisas diferentes uma é o valor co/ o:..... o valor comunicatório que vo/ que existe quando você... compra alguma coisa você está trocando dinheiro por uma coisa que outra pessoa te dá... vocês estão num acordo né?... estão se relacionando agora outra coisa é o valor simbólico que têm as coisas que você compra... eu acho que tudo o que você tem: de material tem um valor simbólico... sabe? você usar um: pulôver de:.. argentino de:.. éh:: *cashmere*... o fato de você estar usando já está dizendo para as outras pessoas que você tem determinado nível social:: esse isquetro eh:: sabe... esses móveis essa casa... é mágico né?... que nem:: numa tribo o cara sabe que usa... caça tanto:: ou usa:.. sei lá... o colar de dente não sei o quê... também tem um certo valor todo mundo olha ele meio assim... se bem que aí eu acho que é mais:: mais espontâneo porque é mais primitivo né? a Lais... -- sabe a Lais

L1 uhn

L2 uma amiga minha que faz medicina e ela vai sempre para o Xingu... no campus avançado da da Paulista né? --... ela estava contando do:.. de como funciona o cacique da tribo (..)”

E são, também, por outro lado, as mesmas variações de uso que evidenciam os atos de fala mais refletidos, melhor ordenados, com estruturas sintáticas mais elaboradas e mais de acordo com princípios formais da modalidade escrita da língua, aprendida na escola e nos livros, e com um vocabulário mais selecionado, em que se evitam os termos populares marcados, como a giria. E o que ocorre, por exemplo, em boa parte do D2/255, também incluído neste volume

(2a faixa etária, 36/55 anos), em que a formalidade da situação pequena intimidade entre os falantes, o grau hierárquico social de um deles, o próprio recinto da entrevista (a diretoria de uma escola paulistana), praticamente transformam um discurso que deveria ser mais natural, numa entrevista do documentário de dois informantes, que falam separada e ordenadamente obediência quase absoluta ao revessamento dos turnos e com superposições de voz:

“L1 (..)”

eu mesmo não quero dizer que nunca tenha me valido... da acusação contra o correio para justificar o esquecimento de uma correspondência prometida... qualquer coisa assim... e suponho que isto deve ter sido usado em LARga escala por muitas pessoas de maneira que:.. se a gente quiser fazer justiça:: realmente aos correios há que:.. se reabilitar essa imagem criada... muitas vezes em função até de uma auto-desculpa o próprio correio tem-se utilizado desse Tipo de propaganda... para mostrar que muitas vezes as cartas não chegam pelas simples razões de que nem sequer f escritas... não é? (..)”

Esse contraste que apresentamos rapidamente aqui entre momentos da fala dos indivíduos cultos, uns tendendo em determinado instante para uma maior aceitação dos componentes coloquiais, outros atentos a um estilo que lembra, principalmente pelo uso fluente do processo de subordinação, a escrita, não visa, em momento algum, a demonstrar a superioridade de um em relação a outro, pelo modo do ponto de vista restrito da comunicação, embora pudesse tal lelo ser feito em termos de conhecimentos pessoais dos falantes de suas profissões.

De fato, o Projeto da Norma Linguística Urbana Culta não preocupado em ensinar como um falante *deve falar*. Pretende apenas descrever *como ele fala*.

Observe-se, ainda uma vez insistimos, que não importa qual *atitude* linguística do falante, isto é, o que ele julga como norma *drão* ou ideal (ou subjéiva, conforme vimos antes). Sabemos por trás dessa atitude está toda sua formação cultural, desenvolvimento e transmissão ao longo de gerações, com a contribuição da escola por conseguinte, da linguagem escrita, dos textos literários, gramáticas e, numa etapa mais remota da história da língua

textos jurídicos e religiosos, primeiras fontes escritas, investidas da autoridade e prestígio social de uma autêntica norma linguística.⁶

Por outro lado, pesquisando essa realidade linguística urbana do Brasil, que se situa praticamente na década de 70 (época em que foi realizada a grande maioria das gravações), pretendemos, de certa forma, também oferecer ao debate dos especialistas das ciências linguísticas e sociais, o próprio conceito de indivíduo culto, cuja medida principal, para nós, foi a formação universitária, critério que, hoje, pode até sofrer serias restrições, a partir das "reformas" Passarinho e da popularização da universidade brasileira.

Mais de uma década já decorreu, desde as últimas gravações do Projeto NURC/SP. Década marcada por profunda transformações sociais e políticas nas grandes cidades brasileiras, pelo domínio cultural dos meios de comunicação de massa, fatores que deixaram suas marcas na língua, em particular na tolerância muito maior pelas estruturas e vocabulário coloquiais, na linguagem das pessoas cultas, até em situações de maior formalidade. Os materiais que ora editamos, sem se terem, a rigor, tornado obsoletos (porque, em termos de língua, uma década constitui um prazo relativamente pequeno), podem servir como parâmetros para a análise comparativa (pelo menos a nível de vocabulário, área mais sensível a transformações), com a linguagem culta dos anos 80.

Estas breves considerações de caráter sociolinguístico se fazem necessárias, a nosso ver, para orientar os leitores comuns mais do que os especialistas da área, certamente acostumados com esse tipo de problemas.

Da mesma forma, seria conveniente lembrar algumas diretrizes que nortearam a transcrição dos materiais falados deste volume. Embora realizada por pesquisadores do grupo e revista por outros também do Projeto, ainda assim, ela não se livra de certa dose de subjetividade, própria de qualquer audição. Quem nos garante que uma terceira audição não geraria novas hipóteses para os trechos aparentemente inaudíveis ou confusos?

Essa margem de subjetividade seria danosa a qualquer projeto de análise futura do material, mas aqui sua ocorrência pode ser considerada absolutamente normal, dado o cuidado com que o trabalho foi realizado: algumas entrevistas mais difíceis passaram até por três

audições diferentes! A credibilidade a que esta edição faz jus é garantida até pelo serviço de dactilografia, revisão dactilográfica e revisões dos originais tipográficos, tarefas executadas também pelos pesquisadores do Projeto NURC/SP.

O maior problema enfrentado pela equipe foi o das superposições de fala nos diálogos. É impossível ouvir e entender duas vozes que falam ao mesmo tempo. Por isso, também será impossível uma leitura única dos textos superpostos, indicados pela chave nos diálogos. Se houve necessidade de voltar várias vezes a fita, prestando atenção ora numa, ora noutra voz, para nos assegurarmos de uma boa audição, também será preciso ao leitor a mesma paciência (talvez menor do que a nossa!) para ler as superposições em dois momentos distintos, garantindo uma boa reprodução da entrevista. Exemplifiquemos. Seja este trecho, ainda do D2/343:

- "L1 (...) você pode ter atrás disso alguma coisa equivalente como por exemplo...
L2 (não) estou dizendo que numa tribo não
L1 vou dar um exemplo... numa tribo não
L2 existe dinheiro com valor de troca
L1 existe carro existe?
L2 ahn...
L1 não existe... (...)"

Convenhamos que pode ser demorado, pode ser até desagradável ao leitor comum essa solução gráfica. Mas foi a única maneira que encontramos após várias discussões do grupo, para indicar as vozes que se sobrepoem. Reescritas, as produções paralelas correspondem separadamente, às seguintes:

- "L1 (...) você pode ter atrás disso alguma coisa equivalente como por exemplo...
L2 (não) estou dizendo que numa tribo não existe dinheiro com valor de troca ahn...
L1 vou dar um exemplo... numa tribo não existe carro existe não existe... (...)"

Embora mais clara para leitura, essa transcrição não retrata a intenção tal como ela se deu, nem do ponto de vista da execução, nem muito menos, do ponto de vista das estratégias da conversação porque, superpondo-se, as falas revelam, nesse caso, que os interlocutores

6. Cf. "Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique" — Stanley Aleong. In: *La norme linguistique*. Edit Bédard e Jacques Maurais (org.) Paris, Le Robert, s/d.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

utores "lutam" pela supremacia da palavra, pelo direito de expressarem suas ideias, antes que o outro interlocutor o faça.

Observe-se que indicamos com o sinal de chave apenas o início da superposição. Não assinalamos, por questão de economia do trabalho, onde ela termina, porque isso agravaria ainda mais os problemas gráficos para a impressão deste volume. Cremos, todavia, que aqueles pesquisadores interessados em temas ligados a este fenômeno da conversação (como o dos turnos, por exemplo) poderão, ouvindo as fitas, requintar as transcrições, com vistas a seus objetivos, indicando com outra chave também o fim das superposições.

Por fim, seria preciso dizer que a leitura da maior parte dos diálogos aqui publicados comprova que os interlocutores principiam sua participação com certo artificialismo, decorrente da formalidade própria de uma situação de comunicação, marcada pela presença do documentador e do ato de gravação. É claro que as gravações secretas (que, embora previstas, inicialmente, no Projeto, não se realizaram por motivos vários, entre os quais o risco de fazê-las dentro do clima de opressão política da década de 70) é claro que elas seriam, talvez, muito mais expressivas para uma amostragem da linguagem dos diálogos, em particular de seus problemas de interação. Convém observar, porém, que, decorridos os primeiros dez minutos de gravação (às vezes, até menos), os interlocutores "soltam-se", à medida que o assunto ganha interesse ou então evolui para pontos de atração inesperados, fugindo não raro ao tema proposto inicialmente e favorecendo, com isso, o surgimento de uma situação de comunicação menos formal.

A publicação dos materiais do Projeto NURC/SP ainda não termina com este volume. Um terceiro já está sendo preparado com os diálogos entre documentador e informante (DID). Esperemos que até a saída do livro possamos receber novas críticas e sugestões, não só dos colegas da área, mas também do público-leitor em geral. Nesse sentido, as duas sedes do Projeto NURC/SP, em São Paulo (USP) e Campinas (UNICAMP), estão permanentemente abertas para o diálogo e a troca de informações sobre o material gravado.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	::podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... êh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... Ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

*Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n.º 338 EF, 331 D2 e 153 D2.